P ó d e g i z

“... Ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica (e se enrijece) na narrativa”
(BOSI, Ecléa)

Estar em sala de aula, na condição de professor, provocou um reencontro com um passado escolar, até então guardado em meio a álbuns de fotografias, arquivos e caixas em cima de estantes. Mas, por algum motivo, o meu histórico escolar foi guardado junto com provas, diários de classe, anotações e fotos de alunos e escolas nas quais minha mãe lecionou

Essas narrativas misturadas me fizeram notar o quanto minha mãe professora foi, e ainda é, presente em minha formação. São numerosas as vezes em que me levava para o trabalho e eu acompanhava suas aulas, as festas juninas que organizava e as visitas a museus e parques de diversão. Também são numerosas as vezes em que recebia em casa alunos, ex-alunos e professores. Um ambiente permeado pela educação, pelo olhar de uma educadora.

Penso que minha formação como professor começou nesse ambiente meio casa-escola, permeado pelo poder transformador da educação, permeado pelo pó de giz. O giz que contém na minha memória, e acredito que na memória de tantos outros, que tiveram em suas salas de aula um quadro negro, algo da essência do professor. Como se um pequeno pedaço de calcário contivesse todo o conhecimento do mundo que o aluno deposita sobre essa figura.

...

Recordo da minha primeira aula enquanto professor, foi com uma turma do quarto ano. Havia tocado o sinal e a sala era no segundo andar. Tive de subir as escadas em meio a

empurrões, correrias e “licenças” - me via como aluno. Ao entrar em sala o nariz entupiu e comecei a espirrar. Era meu reencontro com o giz.

Sou alérgico ao pó do giz e durante os anos de escola havia me acostumado a rotina de tomar antialérgicos. Entretanto, na faculdade, as lousas não eram quadros negros, logo os professores não usavam giz e acabei perdendo esse hábito.

As reações alérgicas promovidas pelo meu encontro com a escola, a sala de aula, o giz e o pó, pareciam estar me retrocedendo ao um passado quando aluno, em que ficava espirrando e coçando os olhos durante as aulas. A certa altura, era como se as reações alérgicas fossem causadas pelas erupções dessas memórias. Como se duas décadas escolares estivessem sendo revividas em uma única inspiração de ar. Memórias suspensas no ar pelos milhares partículas de giz que flutuavam e iam sendo inspiradas para dentro de meus pulmões. Anos que foram forçando a contração da musculatura do diafragma e dos músculos intercostais, de modo que o diafragma fosse abaixando e as costelas elevando-se, promovendo o aumento da caixa torácica, com consequente redução da pressão interna (em relação à externa), forçando sua entrada nos pulmões.

Talvez, por essas reações fisiológicas que o giz provocara durante todos esses anos, que ele tenha, em meu imaginário, um papel simbólico: não só a representação da figura do professor como também todo um sistema de ensino e minha vida escolar. Cheguei a fazer, um ano ou mais, de tratamento para alergia, por causa das reações alérgicas em sala. Lembro os dias quentes eram os piores, todo o pó acumulado nos ventiladores pretos que se espalhavam, de modo a preencher todo o volume da sala quando ligados.

...

Silêncio... os alunos sentados e olhando em minha direção de modo impassível, esperando por alguma reação. Ainda desorientado pelo pó de giz tento reorganizar meu pensamento. Volto meu olhar para a sala. As paredes são da metade inferior azul em tom pastel e outra metade superior um tom branco encardido. No fundo da sala, alguns livros sobre carteiras que fazem a vez de estantes na tentativa de formar uma biblioteca.

Desenhos e colagens de coelhos e ovos de páscoa nas paredes evidenciam que era o mês de abril.

Uma luz, vindo pela janela, incide sobre a sala e reflete o pó do giz flutuando no ar. Uma névoa que cobria toda a sala como se alguém tivesse acabado de bater um apagador contra o outro. Silenciosamente o pó ia se assentando sobre a superfície dos móveis e objetos, se acumulando em cantos, beiradas, rodapés e arestas, revestindo tudo de maneira onipresente.

Fiquei pensando como todas as salas tem as cores leitosas e sem graça de um suco *Ades*.